

de Agregados, que impulsiona as empresas a avançarem para a Certificação, por reconhecerem os ganhos de eficiência e produtividade dos sistemas de gestão auditados externamente”, sublinha.

O sector alimentar é o terceiro maior em termos de certificação na SGS ICS, o que se deve, em parte, e segundo Ana Pina Teixeira, “às sucessivas crises de segurança alimentar que fizeram com que as empresas se apercebessem que é muito mais vantajoso estar na linha da frente em termos de boas práticas, prevenindo crises em vez de controlar danos”, frisa.

A certificação pode ser ou não acreditada. “A acreditação diferencia-se da certificação não só por exigir um sistema da qualidade, mas ainda requerer a necessária competência técnica para garantir confiança nos resultados e produtos das actividades acreditadas”, explica Alberto Mesquita, do departamento de gestão de processos do IPAC (Instituto Português de Acreditação), que tem o papel de avaliar as entidades certificadoras.

No final de 2006, os sectores com maior número de empresas com certificações acreditadas, eram o comércio por grosso e a retalho, a reparação automóvel, motociclos e de bens de uso pessoal e doméstico com 892 empresas, a construção com 520 empresas, a fabricação metalúrgica de base e de produtos metálicos com 402 empresas, e a indústria têxtil com 30. <<

quivoco do mercado nacional de certificação com uma quota de mercado global na ordem dos 54%.

Mas essa meta já foi ultrapassada, uma vez que, actualmente, só pela APCER, foram emitidos mais de quatro mil certificados, dos quase sete mil já emitidos no mercado nacional.

De acordo com o último relatório da ISO (International Organization for Standardization), que apresenta dados até 2005 relativamente às empresas certificadas com a norma ISO 9001:2000, Portugal estava, em 2005, no 13º lugar, com 5.820 empresas certificadas, sendo que a taxa de crescimento de 2004 para 2005 foi de 23%.

“A boa notícia é que esta tendência de aumento é para conti-



> Marco Maurício

**A exportação de produtos tradicionais portugueses pode ter contribuído para o aumento da certificação em Portugal.**

nuar”, garante Ana Pina Teixeira, Presidente do Conselho de Administração do Grupo SGS Portugal, uma das nove empresas certificadoras a actuar em Portugal.

Até ao momento, e no que concerne à SGS ICS, o número de certificados emitidos (para todas as áreas de certificação – sistemas de gestão, produtos e serviços) também aumentou substancialmente: “Enquanto que em 2005 a SGS ICS emitiu cerca de 400 certificados, no ano de 2006 esse número aumentou para mais de 730

certificados emitidos”, informa aquela responsável.

O facto da certificação de produtos estar a aumentar, pode também relacionar-se com a importância da certificação no factor exportação. É que há muitos mercados que apenas aceitam produtos certificados.

Em Portugal as maiores empresas certificadoras são a APCER, a SGS, a TÜV, a QSCB e a Bureau Veritas.

### **Certificação é uma mais-valia para o negócio**

A certificação distingue uma empresa face à concorrência, sendo uma porta aberta para novos voos. Uma empresa certificada consegue valor acrescentado, otimiza procedimentos internos, aumenta a produtividade e reduz custos. No que toca a um produto. Quando certificado, dá garantias ao consumidor de que é mais seguro visto estar conforme a lei.

As vantagens da certificação incidem sobre a imagem da empresa junto do público, sendo que a maior qualidade dos produtos e dos serviços prestados traduzem-se em mais-valias para o negócio. <<

## **Onde é obrigatório certificar**

A certificação não é obrigatória para todos os sectores de actividade, podendo ser considerado “um processo voluntário”, refere Ana Pina Teixeira. A responsável informa haver “exemplos de certificações como é o caso da Marcação CE de determinados produtos, imposta pela União Europeia, que se assemelha a uma Certificação do Produto”, não podendo, ser, contudo considerada uma certificação efectiva. Há ainda o caso do HACCP (Sistema de Higiene e Segurança Alimentar) que, apesar de ter sido recentemente alvo de implementação obrigatória, “continua de certificação voluntária”, garante a presidente do conselho de administração do Grupo SGS. Ana Pina Teixeira refere que, apesar de não haver obrigatoriedade, as empresas acabam por optar

pela certificação. A explicação é simples: “têm cada vez mais a noção que é vantajoso estar na linha da frente em termos de boas práticas certificadas”. Francisco Barroca, Director-Geral da Certif, partilha desta opinião, informando que, “neste momento só é obrigatória a certificação de alguns produtos da construção: abobadilhas cerâmicas, tubos de matéria plástica para água, tubos de ferro e aço para água, varão de aço para betão laminado a quente e os aços para pré-esforço”. O responsável garante “não haver obrigatoriedade de certificação para mais nenhum produto”, advertindo para que não se confunda certificação “com a marcação CE, que é obrigatória, mas que não consubstancia uma certificação dentro do conceito internacional”.